

Vozes e memórias: reflexões sobre o modelo editorial singular do Jornal do Brasil e suas contribuições para a comunicação.¹

Luisa Aires Leal Arêas²

Izabelle Sampaio Rampinelli Ferreira³

Isabel Regina Augusto⁴

Resumo

Este artigo analisa a trajetória do *Jornal do Brasil*, destacando sua identidade jornalística, o processo de reforma editorial e sua relação com profissionais e leitores. A pesquisa se fundamenta na obra de Ítala Maduell e no *Manual de História Oral*, de Verena Alberti, buscando compreender como o jornal construiu uma marca afetiva e simbólica no campo da comunicação. A partir de relatos e memórias, investigam-se as experiências de duas jornalistas que atuaram na redação do jornal em períodos distintos. O conceito de "sentimento jotaberiano" sintetiza a sobreposição entre memória trabalho e memória sonho conforme Ecléa Bosi, evidenciando um sentimento "jotaberiano" e a relevância histórica e cultural do veículo.

Palavras-chave: *Jornal do Brasil*; história; imprensa; subjetividade; afeto.

Introdução: o início do *Jornal do Brasil*

No fim do século XIX, o Rio de Janeiro, então capital federal, vivia um processo de modernização urbana e simbólica impulsionado pela Proclamação da República em 1889. A cidade tornou-se ícone da nova ordem, com avenidas, edifícios imponentes, bondes elétricos e hábitos inspirados na *Belle Époque* francesa (CPDOC JB, 2009). Nesse contexto, surgiu, em 1891, o *Jornal do Brasil*, alinhado às transformações da capital e com postura crítica frente ao poder público. Rapidamente consolidou-se como um dos principais veículos da imprensa nacional, protagonizando coberturas históricas, como a morte de Dom Pedro II, na célebre edição *O Grande Morto* (CPDOC JB, 2009).

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, e-mail: luisa.a.areas@edu.ufes.br.

³ Estudante de Graduação, 3º Semestre, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, e-mail: izabelle.s.ferreira@edu.ufes.br.

⁴ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, e-mail: Isabel.augusto@ufes.br

A partir da década de 1950, o JB assumiu papel pioneiro na modernização gráfica e editorial da imprensa brasileira. Em meio à reconstrução pós-guerra e à construção de Brasília, lançou o *Suplemento Dominical* e, em 1960, o *Caderno B* — primeiro suplemento cultural do país. Esses cadernos tornaram-se espaços de experimentação e debate artístico-literário, consolidando o jornal como referência cultural (CPDOC JB, 2009). Outro marco foi a criação do Departamento de Pesquisa e Documentação (DPD), coordenado por João Moreira Salles, que visava oferecer ao leitor uma compreensão mais profunda dos acontecimentos, promovendo contextualização histórica e social (MADUELL, 2021). Essa iniciativa reforçou o compromisso do JB com uma abordagem analítica e formadora de consciência crítica.

O engajamento com causas sociais atravessou sua trajetória, com coberturas sobre desigualdade habitacional, a seca no Nordeste e irregularidades em obras públicas. Destacou-se ainda na defesa do patrimônio ambiental e cultural, como na preservação do Jardim Botânico (MADUELL, 2021; CPDOC JB, 2009). Como destacam Maduell (2021) e Ribeiro e Maduell (2018), o *Jornal do Brasil* firmou-se como veículo comprometido com o rigor informativo, a crítica social e valores democráticos. Mais que testemunha, assumiu papel ativo nos processos históricos, inscrevendo-se na construção da memória nacional.

Embora criado com perfil monarquista, adaptou-se rapidamente à nova realidade republicana, posicionando-se editorialmente e engajando-se em temas centrais da agenda pública. Um exemplo é sua oposição à transferência da capital para o Planalto Central, em defesa do Rio como centro político e cultural (CPDOC JB, 2009).

Em nosso trabalho buscamos a contribuição do relato de duas jornalistas que trabalharam na redação do *Jornal do Brasil* no intuito de refazer o percurso do jornal a partir de suas memórias.

Material e Métodos: a história do *Jornal do Brasil* pelos olhares e relatos de jornalistas que trabalharam em sua redação

Como propõe Verena Alberti, a História Oral permite captar os afetos, silêncios e subjetividades presentes nos relatos, conferindo-lhes valor como documentos históricos legítimos (ALBERTI, 2005, p. 39). A partir dessa perspectiva, este trabalho utilizou entrevistas gravadas com duas profissionais que atuaram no *Jornal do Brasil* em diferentes

momentos de sua história: Roni Franci Dutra Filgueiras e Ítala Maduell. Os depoimentos foram colhidos pela estudante Luisa Aires Leal Arêas por meio de entrevistas *on-line*, realizadas nos dias 12 e 20 de setembro de 2024, respectivamente, e posteriormente transcritas e analisadas qualitativamente. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, com enfoque temático, e foram posteriormente transcritas e analisadas à luz dos pressupostos da *História Oral Temática*, com atenção aos elementos subjetivos e à memória social das entrevistadas. Na interpretação das entrevistas foi útil a obra de Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* (2023).

Utilizamos, portanto, a metodologia da História Oral aliada às fontes bibliográficas, de modo particular as publicações de Ítala Maduell e as informações do Centro de Pesquisa Documentação sobre o Jornal do Brasil.

Discussão: os relatos desenham a rotina da redação e o percurso do jornal

O primeiro relato deste artigo é da profissional Roni Franci Dutra Filgueiras, que possui uma vasta experiência na área de comunicação, tendo atuado em diversos veículos de grande relevância. Ao longo de sua carreira, desempenhou funções como repórter, redatora, editora adjunta, subeditora, produtora de conteúdo, editora assistente e editora em renomados jornais, revistas e sites de notícias, incluindo *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *VejaRio*, *GloboNews.com*, *O Dia* e *SuiGeneris*. Formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1987.

A jornalista também discorreu sobre os diferenciais, no seu ponto de vista, do modo de trabalho do JB em relação a outros veículos. Ela cita que nos bastidores do jornalismo brasileiro nas décadas passadas, havia uma clara distinção entre as linhas editoriais dos principais veículos de comunicação, como o *Jornal do Brasil* e *O Globo*. O *Jornal do Brasil* possuía um corpo editorial e uma equipe de jornalistas alinhados a uma postura liberal, mais voltada a valores humanistas e progressistas.

O perfil predominante no *Jornal do Brasil* era o de jornalistas intelectualizados, por exemplo, figuras como Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector, que também colaboraram com o jornal. Em contraste, *O Globo* sempre se posicionou de maneira mais conservadora, alinhando-se a uma visão menos liberal no que diz respeito a valores

humanistas. Roberto Marinho, fundador do grupo, apoiou abertamente o golpe militar de 1964, evidenciando a postura do jornal. Em entrevista, Filgueiras relatou que:

O Globo mantinha uma estrutura editorial mais rígida, com uma hierarquia dura e uma cobrança intensa por performance e furos jornalísticos, algo muito mais acentuado do que no *Jornal do Brasil*, que, sendo uma publicação mais antiga e de grande prestígio, mantinha uma abordagem mais intelectual e refinada⁵.

Essas diferenças entre os dois veículos ilustram não só as distintas abordagens editoriais, mas também as influências que moldaram o jornalismo brasileiro em épocas distintas.

A crítica de cinema e cultura, Roni Filgueiras, também abordou detalhadamente sua experiência no *Jornal do Brasil* (JB), enfatizando o contexto particular de sua atuação. Ela destacou que o período em que trabalhou no JB foi marcado por transformações profundas na indústria jornalística, especialmente relacionadas ao declínio do modelo impresso e à crescente relevância da internet. Afirmou Filgueiras:

Então, quando entrei no *Jornal do Brasil*, tive duas passagens por lá. A primeira foi logo depois que me formei, e a segunda, no final do século passado, no início deste novo século. Ingressei lá em 2000 e saí em 2001, em pouquíssimo tempo, nessa segunda passagem. A diferença é que o *Jornal do Brasil*, assim como todos os outros veículos, estava começando a lidar com a internet. Ainda não havia, ou melhor, já existia a grande rede, o www e tal, mas a internet ainda era algo incipiente. Depois, a coisa foi ganhando vulto, como todos já sabem o que aconteceu no final⁶.

A ascensão do modelo de notícias online, que oferece conteúdo sem custo direto ao usuário, é um fenômeno que transformou profundamente o jornalismo. Roni Filgueiras, pontuou que, apesar das tentativas dos jornais em monetizar suas plataformas digitais, muitos enfrentam dificuldades. Aplicativos que burlam os *paywalls* de notícias e reportagens permitem que o público acesse o conteúdo sem pagar, comprometendo as assinaturas, que

⁵ Depoimento de Roni Franci Dutra Filgueiras, concedido no âmbito de pesquisa com metodologia de História Oral. Entrevista realizada por Luisa Aires Leal Arêas, Vitória, 12 set. 2024.

⁶ *Ibidem*..

muitas vezes são oferecidas a preços baixos. Esse modelo de monetização, segundo ela, é insustentável a longo prazo.

A entrevistada Roni Filgueiras citou o exemplo da *Folha de S. Paulo*, cujo proprietário, em busca de novas fontes de receita, passou a atuar no setor bancário. Os grandes jornais brasileiros restantes, como *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estadão*, têm recorrido a manobras financeiras para garantir sua sobrevivência, muitas vezes operando com prejuízos. O jornal *O Globo* opera no vermelho há bastante tempo, sobrevivendo como uma ferramenta ideológica e de propaganda, com um viés neoliberal perceptível em suas publicações (FILGUEIRAS, 2024). As famílias proprietárias dos grandes veículos possuem negócios diversificados, como a família Marinho, dona de *O Globo*, que investe em agronegócio, produção audiovisual e outros setores, sustentando o jornalismo impresso por seu valor político e estratégico.

A jornalista Filgueiras lembrou que o *Jornal do Brasil* foi pioneiro no jornalismo digital no Brasil, com o lançamento do *JB Online* em 28 de maio de 1995, que marcou a transposição literal do jornal impresso para a internet, ainda na primeira fase, mimética, do webjornalismo. Quando a versão online era a cópia do impresso.

Roni Filgueiras destaca que o *Jornal do Brasil* possuía um ambiente de trabalho colaborativo, marcado por uma sensação de pertencimento entre os jornalistas, mesmo diante de falhas e hierarquias rígidas. Esse espaço valorizava a convivência entre diferentes vozes e edições, promovendo uma rica memória oral. No entanto, com a precarização da profissão, a crise dos grandes veículos e as mudanças geracionais, esse ethos comunitário se desfez, alterando profundamente a prática jornalística e os vínculos profissionais que antes marcavam o fazer no JB.

A segunda colaboradora da pesquisa sobre a história do JB é Ítala Maduell, professora de Jornalismo da PUC-Rio, doutora em Comunicação e mestre pela ECO/UFRJ, pesquisa práticas jornalísticas e identidades profissionais. Autora de *JB, um paradigma jornalístico* (2020), investiga como o *Jornal do Brasil* construiu sua memória e identidade, contribuindo para a compreensão das narrativas que moldam a imprensa brasileira. O livro de Ítala pode ser descrito como um “romance-coral”, pela multiplicidade de vozes que a autora reuniu em sua tentativa de compreender o fenômeno do *Jornal do Brasil* (JB), uma instituição que deixou marcas profundas tanto na história do jornalismo brasileiro quanto nas vidas daqueles

que passaram por suas redações. Ela diz em seu livro que durante o cotidiano intenso de um jornal diário, poucos são os profissionais que conseguem perceber as dinâmicas estruturais, as tensões e as pressões que uma organização jornalística enfrenta ao longo de sua existência. Ítala, ao narrar as micro e macro-histórias do JB, tece uma memória complexa e multifacetada do jornal.

A autora oferece um panorama revelador de um veículo que, em certa época, chegou a ser reconhecido por proporcionar aos seus colaboradores o chamado “salário-ambiente” — uma expressão que destacava o valor do clima de trabalho e do prestígio associado ao jornal, muitas vezes tão ou mais importantes do que a remuneração financeira propriamente dita.

O encerramento definitivo do *Jornal do Brasil*, após duas tentativas fracassadas de reviver o impresso, deixou um legado entre os profissionais que nele trabalharam, muitos dos quais se reúnem em encontros anuais, marcados pela nostalgia e por lembranças positivas. Essas reuniões, que ocorreram até o início da pandemia, evitam temas mais áridos, como os atrasos salariais, os cortes de pessoal e os sucessivos “passaralhos”⁷ — fenômenos que minaram a força criativa do jornal. O que prevalece nesses encontros é a recordação de um ambiente de liberdade e criatividade, que fez com que muitos jornalistas se orgulhassem de fazer parte daquele grupo tão único na história do jornalismo brasileiro.

Em 1993, Ítala Maduell foi selecionada para o programa de estágios do *Jornal do Brasil*, iniciando sua trajetória na revista *Programa*, suplemento cultural que admirava desde a adolescência. Aos 20 anos, começou no dia 15 de junho, sob a supervisão de Orivaldo Perin e com orientação de Mauro Ventura, editor da publicação, e de Lula Branco Martins, redator. Segundo Maduell (2024), o ambiente da redação era acolhedor e colaborativo, marcado pela liderança gentil de Ventura e pela didática paciente de Martins no acompanhamento dos estagiários.

Durante sua experiência na *Programa*, Ítala trabalhou ao lado de profissionais de destaque, como Luciana Hidalgo (Teatro), Marcello Maia (Cinema) e Paulo Reis (Exposições), em um ambiente que, “além de produtivo, era extremamente agradável”, relembra. Embora estagiários fossem geralmente designados às seções menos prestigiadas, Ítala demonstrou competência e, nas férias de Luciana Hidalgo, foi chamada para substituí-la na seção de Teatro, uma das mais relevantes da revista. As reuniões de pauta ocorriam de

⁷ Passaralho se refere ao processo de demissões em massa realizado por uma empresa.

forma informal no estúdio fotográfico, com todos sentados no carpete, discutindo as novidades da semana e propondo abordagens criativas para as matérias (MADUELL, 2024). Esse ambiente de colaboração e liberdade editorial tornava a revista *Programa* diferenciada de seu principal concorrente, o *Rio Show*, do jornal *O Globo*.

A rotina produtiva do *Jornal do Brasil* era intensa e marcada por uma busca constante pela excelência no jornalismo impresso. Entrevistas presenciais eram a norma, e entrevistas por telefone, apenas em casos excepcionais, como com artistas internacionais. Mesmo nesses casos, muitas vezes o repórter se deslocava para acompanhar o artista em uma cidade da turnê, como foi o caso da cobertura de Madonna, que exemplifica o comprometimento com o “jornalismo presencial”⁸.

Ítala Maduell destaca o dinamismo de quem trabalhava no caderno "Cidade", onde as coberturas de pautas factuais muitas vezes se estendiam ao longo do dia todo. Havia uma exigência constante de estar nas ruas, coletando informações em tempo real, lidando com acontecimentos imprevistos, e retornando à redação para finalizar os textos. Ao retornar à redação, o repórter sentava com os redatores, o que proporcionava um aprendizado *in loco*. Havia um processo colaborativo para melhorar o texto, fazer ajustes, criar títulos e legendas impactantes. Isso também permitia um refinamento do estilo jornalístico, com uma troca constante entre repórter e redator. Ela cita também um momento marcante na qual a redação teve que mudar sua dinâmica para cobrir a morte de Ayrton Senna

Plantão da morte de Ayrton Senna, manhã de domingo em que a redação foi enchendo com pessoas que estavam de folga, mas chegavam para ajudar, participar, todos atordoados. Liguei para pegar depoimentos de pessoas públicas, atletas, autoridades, e em alguns casos tive que dar, eu, a notícia da morte⁹.

Ítala Maduell, ao refletir sobre a evolução dos meios digitais no jornalismo, diz que é interessante perceber como a integração entre as equipes do impresso e do online demorou a acontecer, especialmente no contexto brasileiro. No início, as versões *web* dos jornais, como mencionado anteriormente, eram apenas uma réplica do que já havia sido produzido para o formato impresso, sem grandes adaptações ou uma linguagem própria do *webjornalismo*.

⁸ Termo utilizado por Ítala Maduell (em depoimento concedido à Luísa Aires Leal Arêas, Vitória, 20 set. 2024), para designar a prática jornalística baseada na presença física do repórter no local dos fatos.

⁹ *Ibidem*.

Ítala Maduell aponta que a crise do *Jornal do Brasil* resultou em falhas estruturais e administrativas, como má gestão familiar, endividamento e investimentos mal planejados — e não apenas da chegada da internet. Mesmo sendo pioneiro no ambiente digital, o JB não conseguiu se adaptar às transformações tecnológicas e ao novo comportamento dos leitores. Paralelamente, Maduell destaca a importância da reforma editorial promovida nos anos 1960, considerada um divisor de águas na história do veículo. Essa transformação consolidou o jornal como referência na imprensa nacional, a partir da adoção de uma estrutura inovadora, com a divisão em cadernos temáticos — atualidades, cultura e classificados —, rompendo com o modelo anterior, desorganizado e sem critérios editoriais claros. Esse movimento não só modernizou o *Jornal do Brasil*, como também influenciou toda a imprensa brasileira.

A profissionalização e modernização da estrutura editorial do *Jornal do Brasil* começaram com Odylo Costa Filho, chamado pela proprietária Condessa Pereira Carneiro para liderar a reforma. Posteriormente, jornalistas como Jânio de Freitas e Alberto Dines consolidaram essas mudanças. Dines, diretor de redação nos anos 1970, garantiu boas condições de trabalho e remuneração, criando um ambiente propício à dedicação jornalística. Sob sua gestão, o JB alcançou prestígio e se firmou como um dos principais veículos do país.

A reforma impactou o jornalismo brasileiro, com o modelo de cadernos — especialmente o de Cultura — sendo amplamente copiado. A divisão em núcleos independentes e práticas inovadoras também serviram de referência. Mesmo com dificuldades financeiras nos anos 1990, o jornal manteve seu prestígio e funcionou como escola de excelência para novas gerações.

Segundo Ítala Maduell, a reforma editorial dos anos 1960 foi um marco para o JB e a imprensa brasileira, estabelecendo padrões mais profissionais. Ela descreve o fim da edição impressa do JB como um momento marcante e emocional para muitos jornalistas, mesmo que esperado. O encerramento ocorreu em agosto, restando apenas uma versão online considerada irrelevante em comparação ao impacto do jornal físico. A jornalista menciona, ainda, o fim do *Jornal do Brasil* como uma espécie de "funeral" simbólico para a imprensa brasileira. Ela relembra com emoção o dia em que o jornal deixou de circular, por volta de 31 de agosto, enquanto lecionava em sala de aula. Ela se emocionou ao perceber que esse encerramento não representava apenas o fim de um veículo de comunicação, mas também a perda de um espaço de trabalho e formação para novas gerações de jornalistas.

Eu estava em aula, era uma terça ou quinta, não me lembro exatamente o dia da semana, e chorei em sala. Decidi que a aula daquele dia seria sobre isso. Fiquei muito emocionada, falando sobre o fim de uma era, que representava também uma parte da minha história¹⁰.

Ítala Maduell destaca que, embora poucos jornais celebrem seu centenário, o *Jornal do Brasil* já enfrentava crise financeira e perda de relevância antes do encerramento oficial. Ela analisa o relançamento do JB em 2008, que contrariou a tendência de digitalização e durou apenas um ano. Ítala acompanhou esse processo de perto, usando-o como tema de sua pesquisa acadêmica e incorporando diversas perspectivas, inclusive o livro de Belisa Ribeiro, valorizando a pluralidade sobre a trajetória do jornal (MADUELL, 2020, p. 121–124).

A tristeza de Ítala reflete também a perda de oportunidades para jovens jornalistas e o impacto desse fechamento na democracia, que depende de uma imprensa diversa e vibrante. Ela acredita que a sociedade precisa de mais jornais, digitais ou impressos, para fortalecer a democracia no Brasil. Por fim, Ítala acompanhou o desfecho do relançamento, marcado pela demissão da equipe e pela frustração de jornalistas que até hoje não receberam seus pagamentos. Para ela, a saga do JB virou uma “novela” cheia de reviravoltas, espelhando as dificuldades e transformações da imprensa brasileira nas últimas décadas.

Considerações Finais

A pesquisa analisou as transformações editoriais e estruturais do *Jornal do Brasil*, considerando-o como empresa e veículo jornalístico. Os relatos das jornalistas Roni Filgueiras e Ítala Maduell revelaram aspectos afetivos e do cotidiano da redação, contribuindo para a compreensão do chamado “clima jotaberiano” e da importância histórica do JB no jornalismo brasileiro. Notamos uma contaminação da memória trabalho pela memória sonho, onde afeto e sentimentos se misturam à descrição da rotina da redação nos relatos colhidos. De modo que o trabalho de Ecléa Bosi (2023) nos auxiliou como exemplo na interpretação das entrevistas.

As entrevistas evidenciam tanto convergências quanto divergências entre as trajetórias de Roni Filgueiras e Ítala Maduell no *Jornal do Brasil*. Enquanto ambas compartilham a

¹⁰ Depoimento de Ítala Maduell, concedido à Luisa Aires Leal Arêas, Vitória, 20 set. 2024.

percepção do prestígio e da relevância simbólica do jornal, suas falas refletem momentos distintos da história da redação: Ítala enfatiza o ambiente afetivo e formativo dos anos 1990, enquanto Roni destaca as tensões editoriais e as transformações provocadas pela crise do modelo impresso e pela digitalização. Esses relatos complementares revelam como diferentes gerações experienciaram o *Jornal do Brasil* e contribuíram para uma compreensão mais profunda da identidade do JB.

A pesquisa reforça, portanto, a importância de preservar a memória *jotaberiana* como parte fundamental da formação de novos comunicadores, valorizando práticas e lições que moldaram o jornalismo de qualidade no país. A trajetória do *Jornal do Brasil*, marcada por inovação, engajamento ético e compromisso com a crítica social, permanece como inspiração para a construção de um jornalismo atento, ético e comprometido com a verdade.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- CPDOC JB. *Centro de Pesquisa e Documentação sobre o Jornal do Brasil*. Disponível em: <https://cpdocjb.webnode.page/>. Acesso em: 15 set. 2024.
- FILGUEIRAS, Roni Franci Dutra. Depoimento concedido no âmbito de pesquisa com metodologia de História Oral a Luisa Aires Leal Arêas. Vitória, 12 set. 2024.
- MADUELL, Ítala. Depoimento concedido no âmbito de pesquisa com metodologia de História Oral a Luisa Aires Leal Arêas. Vitória, 20 set. 2024.
- MADUELL, Ítala. *JB, um paradigma jornalístico: memória e identidade em narrativas míticas sobre o Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.
- MADUELL, Ítala. Depoimento. In: MARTINS, Lula. *O avesso do vazio: uma biografia de Lula Branco Martins*. [S.l.]: [s.n.], [2021?].
- MADUELL, Ítala. Jornal do Brasil: de redação grandiosa a jornal de um homem só. *Observatório da Imprensa*, edição 1133, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/historia/jornal-do-brasil-de-redacao-grandiosa-a-jornal-de-um-homem-so/>. Acesso em: 15 set. 2024.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; MADUELL VIEIRA, Ítala. O JB é que era jornal de verdade: jornalismo, memórias e nostalgia. *Matrizes*, v. 12, n. 3, p. 257–276, 2018. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1430/143065736013/html/>. Acesso em: 15 set. 2024.